

DO MEU DIÁRIO¹

Maria Luiza



[41]² Segunda-feira, 29 de janeiro. — Toda a gente comentou, com mais ou menos interesse, o “abraço da morte”, esse inominável atentado ocorrido, há dias, na avenida Gomes Freire. E, à força de ouvir os comentários, interessei-me também pelo enredo da tragédia. E, pelos jornais, nos aranzéis da reportagem policial, no fio romântico das narrativas, eu fiquei conhecendo as causas que determinaram aquele ato selvagem do matador.

Numa casa de bebidas daquela avenida, fazia ponto um senhor austero, chefe de família, residente nas longínquas paragens das Neves, lá para aqueles lados onde passa a Estrada de Ferro de Maricá...

Esse senhor austero e sisudo apaixonou-se um dia por uma das donas da casa de bebidas. A deusa dos seus sonhos, indiferente ao seu afeto vadio, pouco se preocupava com ele. Mas, ao mesmo tempo, tinha interesse nos seus negócios financeiros e, absolutamente não queria perder o freguês habitual de suas mesinhas de mármore, tão pródigo nas despesas e nas

¹ LUIZA, Maria Do meu diário. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XVII, v. 5, p. 41, 3 fev. 1923

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

gorjetas. E com artes de Pedro Malazartes conseguia fazê-lo viver numa eterna ilusão de dúvidas e incertezas. Os dias rolaram num desenovelar lento do tempo e, cada vez mais, no seu peito em fogo, se acendia a fogueira de um amor...

Eu não conheço nada pior que uma fogueira de amor ardendo no peito de um homem. Os homens não são como nós. Não sabem sofrer. E principalmente em se falando de amor, são completamente diferentes de nós. Quando amam são extremados ao infinito. Amam, querem! Não se resignam nunca. Querem chegar a um fim. Por bem ou por mal, querem, desejam, acabou-se...

E foi assim com aquele senhor austero e sisudo chefe de família. No delírio infinito de uma paixão, castigado pela dor do desprezo, ferido por um ciúme atroz, mortificado por aquela beleza que sorria á vida nas mil promessas dos contos de fadas, fascinado pelo brilho daqueles olhos castanhos, que eram a tentação suprema, vencido nos seus desejos tão mais vivos e tão mais belos no enredo dos sonhos que tecera, tempos passados, nas visões que vivera em interminas vigílias, baqueará vencido...

E, na atribulação de seu espírito, como num cinematógrafo cerebral, passaram todas as legendas dos quadros vivos. Seria o fim naquela noite. Viver sem aqueles dois olhos castanhos, que lhe contaram no misticismo das coisas incompreendidas o enredo de um sonho tão lindo, viver vencido... Impossível. Seria humilhar-se. Seria parecer aos outros um pária errante, uma simples bola de bilhar, que gira e rola e volta sempre ao meio da mesa... Não, seria o fim...

E, com a maior calma do mundo, munuiu-se de uma bomba, atravessou a baía, e foi postar-se na sala de bebidas. Ali ficou entre os outros,

horas perdidas, a beber e a fumar, sem uma palavra, sem uma frase que o denunciasse. Toda a sala vibrava no entusiasmo das violas que cantavam. Num pequenino palco bailarinas dançavam. Vozes fanhosas e estudadas cantavam coplas e cançonetas. E a noite passava com todo o seu cortejo de lendas. Madrugada alta, a pequenina sala foi aos poucos se tornando deserta. Grupos saiam, rua afora, cambaleando, falando alto, tresandando o álcool das bebidas baratas. As mesas desarrumadas, cadeiras viradas, papéis soltos e pontas de cigarros. Um bafo horrível tresandava.

E o piano e as violas não mais cantavam. Ele levantou-se. Com a ponta de um cigarro acendeu o estopim da bomba sinistra. Caminhou até o balcão. E ali, junto à deusa que o desprezara, repetiu de olhos súplices todas as juras e todos os prometimentos do seu amor.

Um ébrio não ama...

Ela sorriu. E, descuidada, olhava a sala desarrumada e conferia a ferida do balcão. Foi quando o estopim da bomba o avisou. Num ímpeto, aproximou-se mais. Abraçou-a, repetindo o enredo de suas fantasias. Logo depois um estampido. Dois corpos rolaram. Os vidros no alto das estantes espatifaram-se. Acorreram curiosos. Estava concluída a sua missão...

Os matadores de hoje defendem-se sempre. O cinema ajudou-os a chegar a essa perfeição. Preparam as cenas com antecedência. Premeditam o crime. Estudam-no com apurada perfeição. Depois matam com a certeza da absolvição. A dirimente da privação de sentidos... O álcool... o amor... Coitado do amor, como anda ele fantasiado pelo mundo afora...



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes

Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur e Rosane Velloso

Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras



Tênebra

tenebra.org